

Maputo 346,77km<sup>2</sup> – Cidades

Foi na cidade de Maputo, e dentro dos seus 346,77km<sup>2</sup>, que nos propusemos trabalhar, em residência artística, durante o mês de julho de 2018, para já aqui produzir obra nova a ser mostrada *in loco*, no Camões - Centro Cultural Português em Maputo.

Num mês de residência contactámos intensa e afetivamente com pessoas, lugares e realidades, com um olhar especialmente atento à cultura material. Na galeria, a primeira sala revela isso mesmo, desenhos inspirados em tatuagens e inscrições em objetos cerâmicos e de madeira, da cultura Maconde, são isolados em folhas de papel, e em papel vegetal - essa textura do material artístico que se aparenta à fragilidade da pele. O papel vegetal em que se inscreveram imagens ficcionadas da tatuagem, é por vezes rasgado pela ponta afiada do lápis, porque *a pele dá de si*. É esse o princípio e a prática da tatuagem tradicional do norte de Moçambique. Na parede em frente - e com os modelos tradicionais da pesca em vista - uma árvore ganha a forma de um barco, numa poética transformação em curso: ainda árvore, ainda embarcação; ainda e sempre árvore, agora também embarcação. Porque muito nos interessam esses objetos que acumulam, na sua estrutura, génese e vicissitudes, simultaneamente a sua história objetual e a sua história cultural.

Mas para voltar aos 346,77km<sup>2</sup> de Maputo, desde o início do projeto que o limite geográfico de uma tão vasta área urbana, impôs novas circunscrições e limites, num processo decisório mais ou menos consciente. Percorrer os diferentes bairros da cidade, virar aqui e não ali, voltar atrás, tirar dúvidas e conversar, retornar, é um processo de *deambular* cidade. Por outro lado, a aproximação ao conhecimento deste território, torna-se uma relação de descoberta – e autodescoberta – com a paisagem urbana, histórica e humana - real e ficcionante.

O encontro com as várias *cidades* que Maputo contém dentro de si, e as suas assimetrias históricas e contemporâneas, proporcionou uma reflexão que passa metaforicamente pelo uso dos materiais de construção, com uma especial atenção à destreza da autoconstrução, e simbolicamente pela dicotomia material das palavras histórico-colonialmente inscritas nesta urbe: o Cimento e o Caniço. No mapa contemporâneo de Maputo permanece, da colonial Lourenço Marques, a zona abastada de Polana Cimento e a zona empobrecida de Polana Caniço, onde outrora moçambicanos eram impedidos de construir com materiais modernos.

Ao nível do chão que se pisa e percorre, outras matérias dividem socialmente a cidade: o asfalto e a terra. As estradas de asfalto tendem para a terra batida, à medida que nos afastamos do centro. Grandes barcos e carrinhas de caixa aberta onde os viajantes se abraçam para não caírem (o *My Love*, no mais positivo dos eufemismos), trazem e levam as pessoas. Atravessados por lombas desaceleradoras, o asfalto como a terra, tanto juntam como dividem no mapa da psico e da socio-geografia da cidade. No espaço expositivo da grande sala do Centro Cultural Português em Maputo, espelhamos também essa distribuição das gentes. Primeiro, três mesas altas feitas com paletes compradas em segunda mão, têm um tampo em cimento regular. A disposição das mesas cria uma barreira física que impede visualmente a entrada no espaço, e a sua disposição arredondada invoca a curva delineada que faz a fronteira entre Polana Cimento

e o emblemático bairro popular da Mafalala (dos anónimos mas também do Craveirinha, do Eusébio...). À direita, e mais para o fundo, onde no mapa ficaria Polana Caniço, na sala de exposições um conjunto de nove mesas estão juntas, como um organismo. São mesas mais baixas também construídas com paletes e madeiras velhas díspares, aproveitamentos daqui e dali, como vimos constantemente pela cidade, nos mercados informais, bancas de frutas, e recantos habitados. No que poderíamos chamar de uma *tectónica da autoconstrução e da reutilização*. Nestas mesas instáveis e irregulares, algumas imagens e desenhos: de muros de separação e organização urbana, comparação entre alturas de prédios e árvores, da similar distribuição de objetos na prateleira de um mercado e de um museu. Mais, na exposição, desenhos e fotografias, são em papéis de dimensões fixas: dois blocos de folhas de desenho A4 que vieram connosco, e papel de jornal para imprimir fotografias em tamanho A4 ou A3. Os trabalhos maiores são conseguidos pela junção destes elementos base: uma construção.

Na parede da galeria, pequenas pinturas apontam também para a forte expressão visual das publicidades realizadas manualmente e que vemos espalhadas pela cidade. Essas marcantes imagens da paisagem moçambicana realizadas por destes pintores anónimos de murais comerciais, ocupam fachadas de lojas como de habitações, e são tanto das marcas globais, como da mais local das lojas (de materiais de construção, mas também de peças de automóveis, cabeleireiro, restauração...).

Na exposição, duas imagens resumem em parte o processo e a temática do projeto: as fotografias que realizámos no Centro de Documentação e Formação Fotográfica (CDFF), a partir da pesquisa pelo arquivo fotográfico do fotógrafo moçambicano Ricardo Rangel. As duas fotografias realizadas por nós, simultaneamente registam e encenam, duas fotografias impressas pelo próprio Rangel, nas caixas de papel fotográfico em que se encontravam, quando as percorremos no arquivo.